

DESESTABILIZADORES HISTÓRICOS CULTURAIS E OS IMPASSES NO ENSINO DA HISTÓRIA AFRICANA

Willian Rachiel Rossi¹

RESUMO

Em determinados momentos é possível que o indivíduo comece a refletir sobre as barreiras impostas a respeito de um pensamento sólido e coerente de si mesmo. Quando o ser humano é envolvido por aspectos culturais historicamente construídos, surgem as dúvidas que alimentam o seu ser e conseqüentemente o coloca em dúvida sobre a sua própria formação. Priorizando o presente trabalho com os aspectos de um entendimento voltado para a formação da identidade cultural brasileira, foi possível fazer alguns levantamentos que enquadram a forma como o ensino da história africana em sala de aula tem ocasionado impactos diferenciados, resultando no que nomeamos de desestabilizadores históricos culturais. É comum os alunos se depararem com o ensino da cultura africana com um viés depreciativo, voltado para momentos de sofrimento, dor e desespero. O que acaba se perdendo dentro deste compêndio, é toda a parte rica, alegre, de resistência e ousadia a qual o aluno pode perceber que não é apenas influenciado pela cultura africana, mas que sua identidade histórica cultural é formada por ela. Com base nesse contexto é possível levantar os seguintes questionamentos: como o ensino da história da cultura africana em sala de aula tem sido abordado? Dentro do ensino da cultura africana, é possível ressaltar aspectos que liguem a identidade cultural brasileira de forma construtiva? Como os desestabilizadores históricos culturais influenciam na perda da identidade cultural?

Palavras-chave: Identidade Cultural, Cultura, Ensino da História Africana.

¹ Graduado em Sociologia.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado através da coleta de dados e observação no Colégio Estadual X, sendo composto por aproximadamente dois mil alunos que estão distribuídos em turnos da manhã, tarde e noite do ensino fundamental e médio. Dentro do quadro de profissionais estão ativos aproximadamente duzentos professores e agentes.

A linha que foi estabelecida para este trabalho é a história do tempo presente, agregado a uma metodologia de cunho teórico que nos fornecera uma sólida construção como Liszt Vieira, Frans Boas e Gilberto Freyre. Além da abordagem teórica, também foi desenvolvido um questionário com quatro (4) perguntas fechadas, aplicados a trinta (30) alunos que estão cursando o 1º Ano do Ensino Médio.

Com esse embasamento será possível mensurar a necessidade das diferentes abordagens metodológicas do ensino da História da Cultura Africana. Também será levantado como os alunos percebem a construção ou a formação de sua identidade cultural e se realmente isso tem alguma importância no seu desenvolvimento.

Todo o processo de ideia civilizatória baseado no modelo escravista agrega ao aluno uma consciência de empobrecimento de sua própria cultura ou de sua formação. Através da pesquisa realizada no trabalho será possível perceber que boa parte dos alunos pode não ter mais tanto interesse na parte escravista de sua formação, mas na parte cultural, nas pequenas relações entre os indivíduos que de alguma forma desenvolveram nossa sociedade mediante as diversas formas de relações e trocas culturais.

Toda a análise dentro deste trabalho, terá como força motriz a relação entre a cultura africana e a identidade cultural brasileira e como a própria história da cultura africana vem sendo dialogada em sala pelo docente.

Ao fim do levantamento dos dados obtidos com o questionário destinado aos estudantes, será possível expor algumas hipóteses de pesquisa mais aprofundada e fundamentada que ressalte e estreite qualquer abismo existente no conhecimento do aluno sobre a espinha dorsal que forma boa parte dos brasileiros.

2 AS MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES DE IDENTIDADE

O conceito de identidade vem carregando durante sua construção uma imensidão de interpretações que ressaltam a sua invisibilidade lógica devido ao nível de complexidade que o termo é composto. Assim uma conclusão unilateral, poderia deixar de lado a trama das relações sociais e formações culturais intermináveis que envolvem o indivíduo.

Segundo ANA MENDES (2014), o conceito de identidade está em constante atualização tendo em vista as diversidades de apreensões, modificações, utilizações e construções a que está sujeita ao longo dos anos. A autora ainda reforça que o conceito é extremamente complexo, não só pelas variadas formas de discussão que suscita, mas também por carregar em uma variada possibilidade de compreensão do seu significado.

VIEIRA (2009, p. 35, apud Brunkhorst, 2002), ressalta que a intensificação sem precedentes dos intercâmbios materiais e simbólicos entre as diversas regiões e grupos sócio-culturais que compõem a sociedade evidenciou as dificuldades para que a nação pudesse continuar operando como um núcleo cultural comum, em torno do qual se articularam, historicamente, a “solidariedade entre estranhos”.

Segundo VIEIRA (2009, p. 35), “com efeito, fluxos migratórios e os diversos movimentos de resistência à pressão homogeneizadora de uma cultura material global produziram, no âmbito de cada nação particular, um leque de formas de vida, valores e opções culturais de tal forma amplo e variado que qualquer apelo a identidade nacional unitária mostra-se hoje anacrônico e fora de foco” (apud COSTA, 2009).

Devido as peculiaridades dentro da formação de uma identidade cultural, imagina-se que a variada troca dos diversos conhecimentos obtidos por cada indivíduo constrói uma identidade cultural única e muitas vezes similares a outros integrantes da sociedade.

A consciência de pertencer a determinado grupo social, seja por caracteres comuns de gênero ou de origem étnica, seja por interesses específicos, profissão, atividades realizadas, crenças e costumes semelhantes, aproxima os indivíduos em determinada sociedade. Nesse sentido, a identidade cultural é aquela marca característica de um grupo social que partilha um

ideal, valores, costumes e comportamentos formados ao longo de sua história.(ARAÚJO, p. 176, 2016)

Sendo assim, conforme a autora constrói a definição, dentro de determinadas similaridades e algumas características é possível construir uma identidade cultural que traduza os aspectos do grupo.

ARAÚJO (2016, p. 177), reforça que é a partir da nossa identidade cultural que construímos a ideia de “eu”, “nós” e “outros”. A forma como o fazemos muitas vezes põe em evidência fronteiras sociais ligadas à classe socioeconômica, à etnia, ao gênero, ou a outros fatores, como o bairro onde moramos, os programas de TV que gostamos o tipo de roupa que preferimos, etc. Por meio desse e de muitos elementos combinados, identificamos “semelhantes” e “outros” nas pessoas com quem compartilhamos a vida social. Ainda com toda a sólida argumentação entre a conclusão de que é possível construir uma identidade cultural e outra que não é possível devido a complexidade, mudança, relações e tendências da própria sociedade. A cultura vem sucumbir sua importância na identificação da formação do indivíduo.

2.1 CULTURA: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

Segundo SANCHES (2014, p.10), o termo “cultura” deriva da palavra latina *colere*. A partir dos séculos XVIII e XIX, ele ganhou conotações diferentes daquelas empregadas pelos romanos da Antiguidade. Até então, esse termo era usado para se referir ao cuidado de plantas, de animais e ao trato agrário; “cultura” era a arte de cultivar algo ligado a natureza. Entretanto, na Alemanha do século XVIII, este conceito passa a ganhar vínculos com a educação, criando a expectativa de que o homem era capaz de ser aprimorado.

Passando por um conceito mais ligado a construção histórica, a mudança do termo cultura ocasiona impactos que sugerem o começo de uma mutação que constantemente vai ser dialogada por diversos autores. Por conta disso se contextualizando ou não nas formas praticadas pelos seres humanos.

Também em algumas linhas, as ideias não existem de forma idêntica por toda parte: elas variam. Tem-se acumulado material suficiente para mostrar que as causas dessas variações são tanto externas, isto é, baseadas no ambiente-tomando o termo ambiente em seu sentido mais amplo-, quanto interno, isto é, fundadas sobre condições psicológicas. A influência dos fatores externos e

internos sobre ideias elementares corporifica um grupo de leis que governa o desenvolvimento da cultura. (Boas, 2004, p.27)

Conforme BOAS (2004, p. 27), o primeiro método que se oferece, e que tem sido geralmente adotado pelos antropólogos modernos, é isolar e classificar causas, agrupando as variantes de certos fenômenos etnológicos de acordo com as condições externas sob as quais vivem os povos entre os quais elas são encontradas, ou de acordo com causas internas que influenciam as mentes desses povos; ou, inversamente, agrupando essas variantes de acordo com suas similaridades.

Entre os principais e talvez o de maior peso dentro da conjuntura cultural brasileira, Gilberto Freyre teve um papel importantíssimo na contextualização dos laços e difusões dentro da cultura brasileira.

SOUZA (2000, p. 71, apud FREYRE), em um excelente artigo sobre Gilberto Freyre e a singularidade brasileira discorre sobre a tendência holista, que pensa a sociedade como um todo orgânico a partir de partes que se completam. Nesse tipo de concepção de sociedade, a hierarquia é o dado central de cada pessoa, grupo ou classe, tem o “seu lugar”, Igualdade política e econômica jamais foi o princípio mais importante do sociólogo Gilberto Freyre. Ao inverso, sua atenção esteve sempre voltada a perceber formas de integração harmônica de contrários, interdependência e comunicação recíproca entre diferentes, sejam essas diferenças entre culturas, grupos, gêneros ou classes.

A consistência da concepção que abre um leque para considerações de elementos que se entrelaçam como as influências biológicas, mesológicas e culturais partem para um possível pressuposto de formação de uma singularidade social na formação da sociedade brasileira através das teias existentes com a cultura africana.

2.3 UM VIÉS PARA A FORMAÇÃO CULTURAL NEGRA E AFRICANA DA IDENTIDADE BRASILEIRA.

Logicamente que o desenvolvimento deste texto não vem sobrepondo ou de alguma forma depreciar todo o arcabouço de sofrimento dentro de uma escravidão que deixou cicatrizes eternas na pele da população brasileira e africana. Com isso venho movimentar uma parte que muitas das vezes esta sendo ofuscada, que é a própria forma de relação e formação rica da sociedade brasileira através da ligação com a africana.

Sendo assim, pode-se considerar que as atividades do indivíduo são determinadas em grande medida por seu ambiente social; por sua vez, suas próprias atividades influenciam a sociedade em que ele vive, podendo nela gerar modificações de forma. Obviamente esse problema é um dos mais importantes a serem enfrentados nas investigações sobre mudanças culturais. (BOAS, 2004, p.47)

Segundo Freyre (1952, p.489) todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo- há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil-, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.

Ainda mais identifica essa formação através da ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos marca da influência negra. (FREYRE; 1952, p.489)

Muita das relevâncias técnicas da cultura africana vem sendo deixado de lado na contextualização de planos de aula, onde sua exuberância e capacidade não estariam de forma alguma entrelaçada com a ideia pobre ressaltada muitas vezes em sala de aula.

Sendo assim Freyre (1952, p.494) coloca que essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto do sol. Sua energia sempre fresca e nova quando em contato com a floresta tropical. Essas qualidades que elevam sua constante alegria e inteiramente vivo independente de qualquer situação vivenciada.

Ainda não se negam diferenças mentais entre brancos e negros. Mas até que ponto essas diferenças representam aptidões inatas ou especializações devidas ao ambiente ou às circunstâncias econômicas de cultura é problema difícil de apurar. (FREYRE 1952, p.511)

Em subsequência, tivemos um período de formação e menos diferenciação profunda, onde o patriarcalismo começou a ser urbanizado e deixava de lado as casas grandes. Onde houve menos absorção do filho pelo pai, da mulher pelo homem, do indivíduo pela família, da família pelo chefe, do escravo pelo proprietário; e mais individualismo da mulher, do menino, do negro- ao mesmo tempo que mais prostituição, mais miséria, mais doença. Mais velhice desamparada. Período de transição (FREYRE 1985, p.22).

Dentro dessa migração ou passagem percebe-se que muitas das mudanças alteraram a forma de viver não só para o branco, mas para as particularidades da formação e integralização do negro afro-brasileiro, que teve como consequência própria formação da identidade brasileira atual.

Isso aconteceu devido ao declínio do patriarcado rural, principalmente em Pernambuco e na Bahia, onde desde o século XVI se consolidava na casa-grande de engenho ou fazenda, dominando daí a paisagem do Brasil colonial, foi pretendendo fixar apenas a tendência mais saliente. Freyre (1952, p.30)

Tendo a formação voltada para os sobrados ao invés da casa-grande, das minas ao invés dos engenhos de açúcar, das qualidades individuais, do que do grupo, com a precarização das casas-grandes e o avanço das características francesas dos sobrados e pinturas extravagantes, todas essas alterações no decorrer do século XVIII e XIX, onde o comércio se alterava e os negros se adaptavam tanto como os brancos ao novo modelo de sociedade.

Segundo, SILVA FILHO; LISBOA (2012, p.06), a formação da sociedade brasileira fundamentou-se em encontros desiguais, envolvendo dominação, conflitos e trocas culturais. Para torná-la produtiva, prevaleceu o uso da mão de obra indígena e africana como força de trabalho. Os africanos foram importados em número superior a quatro milhões até segunda metade do século XIX. Por mais de três séculos. Africanos e seus descendentes estiveram presentes em atividades produtivas e de prestação de serviço na condição de escravos ou libertos.

Entende-se que devido ao longo período entre a resistência contra a escravidão e a flexibilidade na habilidade dentro dos trabalhos existentes, é fato que não existe possibilidade de contrapor argumento que afirme que as características brasileiras e sua formação são africanas. Mesmo com essa ressalva do autor focado em um período de sofrimento podemos perceber que pelo tempo de transformação e atuação do negro no Brasil, nos deixa consciente que várias das características intrínsecas são condizentes e atuantes no momento.

Reforçando SILVA FILHO; LISBOA (2012, p.09) afirma que historicamente, os africanos foram sujeitos de construção do Brasil, atuaram com uma experiência cultural milenar, em todos os setores da economia produtiva e doméstica, e contribuíram na religião, na linguagem, na música e nas artes para a formação da cultura brasileira.

Sendo assim, somente pelo reconhecimento do povo africano e de sua representação, é que será possível entender a riqueza que eles respingam na formação da identidade brasileira.

CONCLUSÃO

Fazendo uma ponte da teoria desenvolvida neste trabalho através dos autores e o questionário chega-se a hipótese que boa parte dos alunos, no caso 70% diz não saber qual é a história da formação cultural da identidade brasileira. Em outra pergunta onde se eles acreditavam ter uma identidade cultural, 70% dizem que sim. Nesta última pergunta e a primeira conseguimos interpretar que como um montante de 70% dos alunos entrevistados diz terem uma identidade cultural sendo que 70% dizem não saber qual é a história da formação da identidade brasileira chegamos ao impasse esperado. O próprio conhecimento ocasiona o que chamamos de desestabilizadores históricos culturais de identidade, onde os alunos acham que tem uma identidade cultural mas não sabem de onde ela veio, ou seja, se o docente reforçar o modelo depreciativo de sua formação é esse modelo que o discente vai aderir.

Logicamente que essa breve argumentação e gráfico no anexo com as informações referidas acima não têm intenção de ocasionar qualquer certeza, mas de mostrar através de um comparativo uma teoria de relevância e de talvez um futuro aprofundamento tanto teórico como de pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

VIEIRA, Liszt; **Identidade e Globalização** Impasses e Perspectivas da Identidade e a Diversidade Cultural. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

ARAÚJO, Sílvia Maria; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia: volume único: ensino médio**. 2 ed, São Paulo: Scipione, 2016.

SANCHES, Wilson; SILVA, Thiago Rodrigo; FABRICIO, Edison Lucas; BORDONAL, Guilherme Cantieri. **Povo, Cultura e Religião**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2014.

SOUZA, Jessé. **Educação Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira**. *Tempo Social*; Ver. Social; USP, São Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000

MENDES, Ana Luiza. **Entre Cantigas e Crônicas, a Identidade do Rei Dom Dinis**. *Medievalis*, Vol. 3, N. 2, p.2, 2014, Disponível em https://www.academia.edu/12232640/Entre_cantigas_e_cr

[%C3%B4nicas a identidade do rei Dom Dinis](#) > Acessado em 18 de Novembro de 2018.

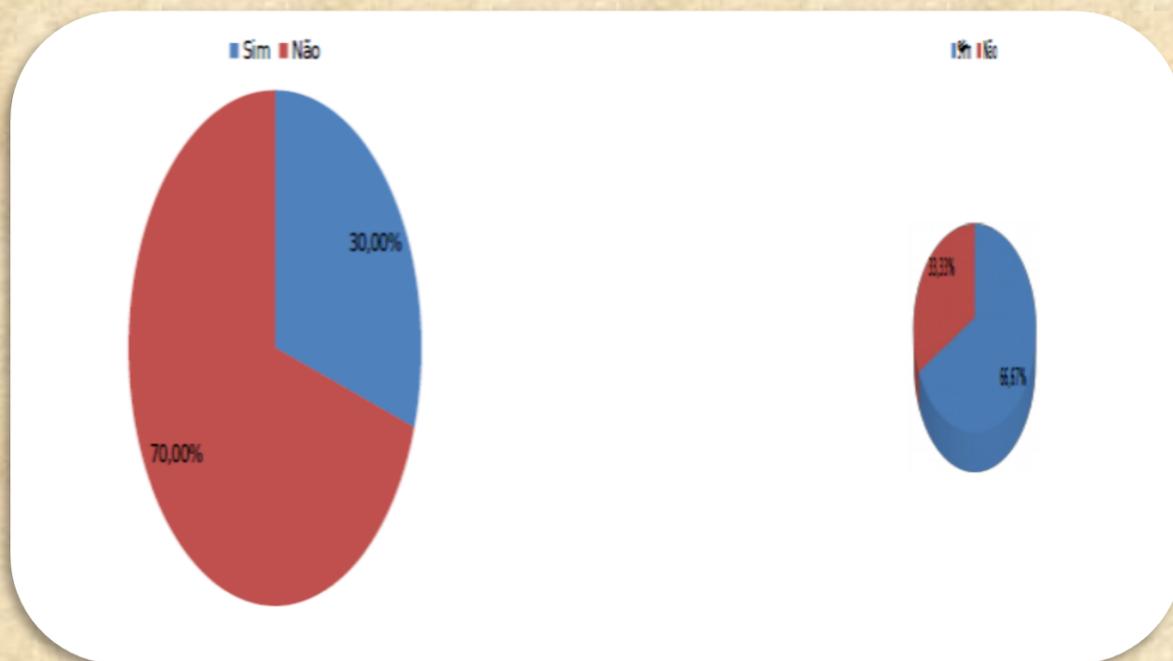
BOAS, Franz. **Antropologia cultural; tradução Celso Castro**. Rio de Janeiro; Zahar, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal**. Editora Livraria José Olympio, 7ed; São Paulo, 1952.

FILHO SILVA; LISBOA ANDREZZA. **QUILOMBOLAS Resistência, História e Cultura**. São Paulo: Ibep, 2012.

ANEXO

Você sabe qual é a história da formação da identidade cultural brasileira? As dificuldades enfrentadas pelos escravos no início da formação da sociedade brasileira agrega valor a sua formação acadêmica?



Você acredita ter uma identidade cultural?

